

INVENTÁRIO DE REVELAÇÕES E MISTÉRIOS

INVENTORY OF REVELATIONS AND MYSTERIES

Valdemar Valente Junior¹

RESUMO: Esta coletânea de contos situa-se como possibilidade de interpretação e entendimento dos aspectos da literatura brasileira contemporânea e as situações de perplexidade que dela decorrem. As relações improváveis em um universo desigual concorrem para o sentido de verossimilhança confundir-se com o conceito de realidade. Estes contos percebem o limite dos conflitos humanos sem lhes sugerir qualquer solução.

PALAVRAS-CHAVE: Contos. Narrativa contemporânea. Literatura.

ABSTRACT: This short story collection situates itself like possibility of interpretation and understanding of aspects of the Brazilian contemporary literature and the situations of perplexity that originate from it. The improbable relations in an unequal universe compete for the signification of verisimilitude confounds itself with the concept of reality. These short stories perceive the limit of the human conflicts without suggest to them whatever solution.

KEYWORDS: Short stories. Contemporary narrative. Literature.

JARDIM, Leandro. *Rubores*. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2012.

Os dramas e as vicissitudes roubam a cena cotidiana para expor as fraquezas de que cada ser não pode ter a devida noção. Assim, a representação corre o risco de perder o sentido prático, aplicável à necessidade premente de sobreviver à sucessão de injustiças como marca da trajetória de quem assume a condição de personagem de ficção. O lugar de cada um no universo das inverossimilhanças pode de algum modo transpor as páginas do texto, quando o escritor se propõe a ser o protagonista do que inventa. Por isso, o autor e o público dividem desejos, quando a peça teatral parece poder também aproximá-los ao extremo. Na vida como na ficção, vale o que está escrito, recuperando a velha máxima. Em “Dosar-te”, encenar o texto limita-se a representar o processo no qual as coisas se encaminham, na relação entre o autor e a atriz. Por isso, as libações alcoólicas, que induzem ao título do conto, funcionam como parte do processo de estreitamento desse conhecimento mútuo. A opção por bebidas

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Inscrito no Programa de Pós-Doutorado em Literatura da UERJ. Professor Adjunto da UniverCidade e Professor Assistente da Universidade Castelo Branco, nas áreas de Teoria Literária, Literatura Brasileira. Palestrante e autor de artigos sobre Literatura e Cultura Brasileira.

diferentes, vinho, cerveja e whisky, aponta para a sucessão dos fatos, quando a vida imita a própria vida, em relação ao que busca sentido de conclusão.

Desse modo, *Rubores*, coletânea de contos de Leandro Jardim, busca captar em cada instantâneo a capacidade humana da observação ao redor das coisas comuns, transformando-as em preciosa matéria-prima a partir da qual são moldadas as nuances da escrita. O sentido de divisão que habita o personagem de “Carta resposta” indaga sobre o vazio e sensorialidade do que considera útil, em face da suposta inutilidade da arte. No entanto, a questão coloca-se no fato de que não se especifica o dom artístico como justificativa da divisão. Verifica-se, no cerne da narrativa, a busca incessante pelo termo que se situe para além da vida cotidiana como representação de lugar-comum. A relação amorosa em “Penumbra”, à perspectiva da transgressão, em jogo de luz e sombra, são acrescidas imagens que, em sequência, se deformam, incorporando-se à fantasmagoria que distorce o sentido natural do encontro entre dois corpos. Em vista disso, o conto funciona como espécie obsessão de que se faz preciso fugir com a máxima urgência.

No universo onde a poesia e a angústia dividem espaços improváveis, mais uma vez evidencia-se a relação entre o homem e a imagem, o escritor e o personagem. Na escrita sobre a escrita o escritor aprofunda-se no labirinto onde teme vir a perder-se. Em “Jogo de espelhos”, situações em paralelo se sobrepõem num deslocamento imaginário que parece não ter fim. A história da história, ou melhor, a história sobre a história conspira de modo a estabelecer um plano metalinguístico que parece infundo. Também alguns microcontos intercalam a série de contos cujo fluxo narrativo apresenta-se mais amplo. Os exemplos de “Rubores e outros detalhes”, “Gastrite, caramelinhos e caraminholas”, “Meia-luz”, “Decomposição”, “Parotempo” e “Nuvem” dão conta do exercício de síntese que reitera instantâneos de lirismo e sensualidade, como se ainda nos fosse possível “ruborizar” diante de situações que já não são surpreendentes. Ainda os microcontos têm em si a incumbência específica de funcionarem como tópicos relevantes de narrativas que buscam inevitavelmente transitar pela via da concisão. As manifestações do impacto diante de cada significação desvelada, ou que se busca desvelar, compõe a trama desses pequenos tecidos.

No âmbito das imagens do mundo, que progressivamente se afastam da proposta de realidade, “A resposta de uma amizade que poderia ser” esvazia ao extremo o sentido tradicional daquilo que as amizades representam. Por conta disso, o transcurso do tempo fornece apenas a falsa euforia de algo que nunca chega de fato a existir. A falta de tempo e as demandas dispersas no fluxo das coisas sugerem a impressão de um cenário

que se constitui a partir de situações oscilantes, na imprecisão de promessas que não podem ser cumpridas. A ideia do encontro que se converte em verdadeira amizade reitera o desencontro que perpassa “A despedida”. Nele, a relação amorosa do casal de estudantes nunca se consolida, por conta da timidez que os separa, do mesmo modo que os atrai. Assim, a expectativa do beijo romântico que substitua o convencional beijo no rosto segue apenas no âmbito do desejo, ficado suspensa. O desenlace da situação que consagre a amizade e o amor vai sendo sucessivamente adiado, na medida em que a vida parece não ter pressa, no mundo cujas propostas individuais volatizam-se com facilidade espantosa ante o vazio das relações que se descumprem.

Em “Rely e a descoberta”, o pequeno nativo nada em direção ao infinito grandioso do que representa o mar para sua tribo. O halo de mistério que perpassa parte expressiva contos de Leandro Jardim, no presente conto recorre como artifício ao imaginário indígena, distante do cenário de ação dos demais, para assumir o descompromisso com o essencialmente factual que se estabelece na necessária relação com o verossímil. Selvagens e civilizados vivem em tempos improváveis situações discrepantes. Por sua vez, o percurso dos seres humanos sobre a terra estabelece condições de liberdade e aprisionamento. Desse modo, o personagem de “Liberdade cativa” sugere às mulheres com quem se relaciona um pacto de aproximação de que logo se distancia. No entanto, o ciúme passa a intervir como ingrediente até então desconhecido, o que altera por completo a dinâmica que define a prática amorosa. Na ficção como na realidade, o amor prega peças inesperadas, vindo essa situação a definir-se a partir do relacionamento que inventaria a lógica estabelecida como prática dos relacionamentos abertos.

A obsessão, em certos casos, parece o sucedâneo de que personagens, habitando o universo da solidão, lançam mão para poder suportá-la. Em “A rua dos nomes”, as ruas cujos nomes homenageiam personagens conhecidos do bancário fascinado por estatística ganha foros de pesquisa sistemática. Daí deparar-se com a rua que tem seu nome, Bruno Vasconcelos, o que o remete à frase do poeta Mário Quintana, para quem “essa coisa de a gente virar nome de rua é a forma mais pública de anonimato”. Em seguida, encontra-se no balcão de um café com Beatriz Valadão, homônima da rua a que acaba de anotar no caderno, descobrindo, por fim, ser ela estranhamente Bruna Vasconcelos. As estranhezas não param aqui, quando o biólogo resolve morrer para tornar-se eterno. Em “Criatura”, o espécime de inseto descoberto sugere a demanda de enorme lapso de tempo para dar reconhecido ao biólogo, residindo no pragmatismo da

morte o meio mais viável de inserção desse feito nos anais acadêmicos. O ato, no entanto, é forjado, sendo que essa investida resulta em homenagens póstumas, prêmios, etc. Por sua vez, o tão cobiçado inseto voa para nunca mais, fugindo-lhe das mãos as promessas de consagração e eternidade.

O clima inesperado e o equívoco, no plano dos relacionamentos, conformam-se como tema de “Um conto chamado situações”, quando estas se sucedem de modo surpreendente, trazendo à tona o inusitado de acertos e injustiças. A arte mais uma vez imita a vida, quando o absurdo assume a condição de normalidade, invertendo posturas que descaracterizam o que pode ser visto a partir de um prisma. Os personagens, nas ações narradas, dão lugar a sucessivas posições que contrariam expectativas, esvaziadas de qualquer sentido redentor. Por fim, “Nanotrecho de uma longa história”, a busca constante pelo prazer a qualquer custo se vê na ordem das coisas, sendo que as realizações de longo prazo já não importam mais. O narrador projeta a sociedade das pessoas obcecadas pelo princípio do prazer que o leva a entender a morte como espécie de cansaço diante de tantas coisas vividas. O universo ficcional transposto para a realidade coloca personagens em situações extemporâneas, onde os seres, anteriores a si mesmos, parecem não terem fim, já que não têm começo, como se a velocidade do tempo e a pressa embutida nas sucessivas sensações do mundo não pudessem mais retroceder.